

CASAS DE MEMÓRIAS

**Conheça as 19 construções enxaimel
que mantêm viva a história dos
colonizadores alemães**

Ministério do Turismo
Secretaria Especial da Cultura

Patrocínio Master
Havan S.A (conf. art.18 Lei 8.313)

Site
www.minhasantacatarina.com.br

Parceria
O Município: pesquisa histórica, levantamento de informações e hospedagem web.

Coordenação geral
Sérgio Valle / PrismaCultural

Coordenação editorial
Marcelo Reis

Produção executiva
PrismaCultural

Assistente
Everton Caetano

Pesquisa e textos
Jornal O Município / Bárbara Sales

Fotografia / Pesquisa de fotos
Bárbara Sales

Projeto gráfico, montagem e versão final
Raffcom

Desenvolvimento web
ServerDo.in

Introdução

História contada pelos tijolinhos

Colonizada por imigrantes alemães, as marcas da cultura germânica seguem vivas em Guabiruba. Os traços da influência alemã na cidade podem ser vistos na gastronomia, nos costumes e também na arquitetura.

No passado, era comum encontrar casas no estilo enxaimel pelas ruas da cidade. Atualmente, o número de construções com esta técnica diminuiu drasticamente, mas algumas resistem e seguem firmes no propósito de preservar as raízes e a história da cidade.

Neste especial, contamos a história das 19 casas enxaimel que ainda restam em Guabiruba. Algumas, com mais de 160 anos, já bastante danificadas pela ação dos anos; outras preservadas e que nos fazem viajar pelo tempo.

Com entrevistas exclusivas e lembranças daqueles que viveram nas casas erguidas com paredes de tijolinho, o e-book Casas de Memórias busca resgatar a história daqueles que lutaram no passado para construir a Guabiruba que hoje conhecemos.

Casa Suavi

A casa do carpinteiro

Oswaldo Suavi construiu sua casa em enxaimel na década de 1950

No início da localidade da Alsácia, no bairro São Pedro, está a casa de Oswaldo Suavi, 90 anos. A bela construção enxaimel foi erguida por ele em 1952.

Ele trabalhou como carpinteiro a vida toda. A casa, inicialmente, ficava no terreno de seu pai, Francisco Suavi, na localidade da Lorena. Utilizando suas habilidades como carpinteiro, Oswaldo desmontou a casa de seu pai e conseguiu aproveitar as madeiras para fazer a sua casa enxaimel no terreno da Alsácia.

“Naquela época faltava dinheiro”, lembra, justificando o fato de ter aproveitado a casa que eram de seus pais para construir a sua.

O aposentado lembra que a residência levou em torno de oito meses para ficar pronta. “Fazia conforme o tempo. Um pouco a cada dia”, conta.

Oswaldo viveu ali com a esposa, Verônica Baron Suavi, por muitos anos. O casal teve seis filhos. Todos criados na casa de tijolos à vista.

Muito bem preservada, a casa teve poucas modificações ao longo dos anos. A principal mudança, de acordo com um dos filhos de Oswaldo, Jaime Suavi, foi a cobertura construída na frente da casa, há cerca de três anos.

A estrutura precisou ser feita porque com o passar dos anos, a madeira foi apodrecendo. Para proteger a casa, eles tiveram a ideia de fazer a cobertura. Os pilares usados para sustentar a estrutura, inclusive, são os da época da construção da casa.

Além disso, o telhado também foi modificado. As telhas coloniais foram substituídas por novas.

A varanda lateral que fora construída com a casa também já não existe mais e o espaço ocupado por ela foi transformado em um banheiro.

A casa que tinha dois quartos grandes, sala e cozinha conjugados, está vazia desde 2015. As janelas, portas, o assoalho interno, além das paredes permanecem originais à época da construção.

Hoje, Oswaldo mora com o filho atrás da casa enxaimel. Apesar de estar fechada, a intenção deles é continuar preservando a construção que representa a história de Oswaldo e também de sua família.

IMAGEM - Fachada e lateral da casa em tons terrosos. Embaixo da casa, muitos pedaços de lenha estão armazenados

Quem morou
Oswaldo Suavi
Verônica Baron Suavi
Nelson Suavi
Catarina Suavi
Gelasio Suavi
Luis Carlos Suavi
Jaime Suavi
Sérgio Suavi

Ficha técnica
Ano da construção
1952
Reformas
Cobertura na frente, retirada da varanda, troca de telhado
Endereço
Rua Alsácia, bairro São Pedro

Casa Missfeldt

Relíquia do Holstein

Casinha centenária foi construída pela família Missfeldt e serviu de moradia para casal de benzedeiros

Escondida em meio às árvores, quase no final do Holstein, está a casinha enxaimel construída pela família Missfeldt. Acredita-se que o primeiro morador do local tenha sido Christian Missfeldt e sua construção seja datada do fim do século 19.

Ao longo de mais de 100 anos, a casa permanece naquele cantinho, rodeada pela sombra de várias palmeiras. O som do vento nas árvores, dos pássaros e do riacho que passa logo em frente complementa a bucólica paisagem.

Ali, além da família de Christian, viveram também as famílias de Godofredo Baron e Alexandre Bett, o Changa.

Foi na época do italiano Changa que a construção ficou conhecida como a casa do 'Changa Bett'. "Ele era o Changa. O nome era Alexandre, mas os alemães chamavam de Changa", conta Dusnelda Vilvok, 68 anos, esposa de Adolfo Albrecht, o Popo, um dos netos de Changa.

Dusnelda lembra com saudade da época em que Changa e a esposa Regina Imhof viviam na casinha enxaimel. "Eu frequentei muito aquela casa. Naquela época, há 68 anos não tinha médico pra gente assim do sítio. A velha Regina era benzedeira, hoje em dia ninguém fala mais disso, mas naquela época, dava alguma doença e ela curava", diz.

Ela conta que Changa e Regina recebiam vários moradores da localidade na casinha para benzer. "Ele também benzia. Benzia aquelas feridas que davam antigamente".

Dusnelda sempre morou no Holstein e recorda que quando criança 'ganhava ataque' e era a benzedeira Regina Imhof quem a curava. "Meu pai me levava daqui até Brusque nas costas, com sete anos para ir pro médico. Mas quem me curava era ela, que me benzia".

Além dos trabalhos como benzedeiros, Dusnelda diz que Changa e Regina tinham um grande coração e sempre estavam prontos para ajudar todos que precisassem. Uma de suas principais lembranças da época de infância na casa é da Páscoa. "Antigamente tinha um cafezal, todo mundo aqui era muito humilde, e o coração dos dois era enorme. Eles escondiam ovo de Páscoa no cafezal e as crianças procuravam", conta, com lágrimas nos olhos.

Pequena, a casa enxaimel tinha dois quartos e uma sala. Um corredor levava até a cozinha que não era na técnica alemã. No quarto de trás ficava a escada para o sótão.

Dusnelda conta que Changa Bett morreu cedo, antes dos 60 anos, de asma. Regina faleceu em 1978, com 75 anos. A casa enxaimel ficou para o irmão de seu marido que, logo em seguida, a vendeu para a família Schwambach.

Atualmente, a casinha faz parte de uma chácara, de propriedade de Sidnei Bruns. Apesar de bastante deteriorada, demolir o imóvel centenário não faz parte de seus planos.

IMAGEM - Foto aérea mostrando a fachada da casa em meio a muitas árvores

Quem morou

Christian Missfeldt e família

Godofredo Baron e família

Alexandre Bett

Regina Imhof

José Lino Schwambach e família

Ficha técnica

Ano de construção

Fim do século 19

Endereço

Rua Holstein,

bairro São Pedro

Casa Baron I

Passado em ruínas

Construída em 1862, imóvel da família Baron já foi bastante atingido pela ação dos anos

Bandeiras que estampam a imagem de Nossa Senhora Aparecida, já bastante desbotadas, enfeitam a fachada de uma das casas mais antigas de Guabiruba. A construção, em cima de um morrinho, contrasta com as casas modernas que hoje existem na rua Guabiruba Sul.

Quem olha de longe já percebe que ali está uma construção centenária que sobrevive a todas as mudanças do tempo. Quem tem a oportunidade de chegar perto presta a atenção em cada detalhe e, instantaneamente, faz uma viagem no tempo.

Estima-se que a casa enxaimel tenha sido construída em 1862, há 157 anos, pelo alemão Matias Baron, que constituiu família lá. Bisneto de Matias, Nilton Baron conta que a casa ficou para seu avô, Augusto Baron, que junto com Maria teve 11 filhos. Posteriormente, a construção foi repassada para o seu pai, Abel Baron, que faleceu em 2018.

A casa, que atrai olhares curiosos praticamente todos os dias, já teve uma pequena venda e foi bem maior do que hoje. “Tinha uma parte de madeira atrás, bem grande, dava até para dançar. Ali era a cozinha e foi feita depois que a casa. Meu avô guardava milho ali e eu lembro de andar de bicicleta lá dentro”, conta Nilton.

Essa parte de madeira foi destruída por um incêndio que, por pouco, não destruiu também a parte de alvenaria.

“Sempre contavam que tinha o fogão a lenha e foram todos dormir à noite, quando começou a pegar fogo. Um vizinho que viu uma claridade e achou estranho, pois não tinha luz naquela época. Ele foi até a casa. Chamou meu avô e acordou todo mundo para sair de lá”.

O puxadinho foi reconstruído depois do incêndio. Anos mais tarde, o pai de Nilton desmanchou a estrutura, porque já estava bastante desgastada.

Nilton viveu na casinha enxaimel junto com os pais e os avós até cinco anos de idade. Depois, o pai construiu uma casa na chácara nos fundos. Ele, entretanto, não saía da casa dos avós.

“Eu sempre vinha ali pra frente. Com cinco anos eu vinha sozinho já. Eles tinham mais conforto que nós, tinha pão, banana à vontade. Eu vinha para comer. Chegava lá, a vó já botava comida pra mim e sempre mandava as coisas lá pra trás”.

O pai de Nilton fez a vida na pequena chácara que comprou. Os filhos, porém, nunca esconderam o desejo de voltar a viver na casa enxaimel. Quando os avós morreram, a casa ficou alguns anos vazia, até que Abel decidiu atender o pedido da família. Ele, sua esposa Luiza, e os 13 filhos foram morar na casa de tijolos.

“De tanto todo mundo pedir, ele resolveu voltar aqui pra frente. A gente não acreditava quando ele aceitou, porque o pai era teimoso. Foi uma festa”, lembra.

Nilton estava com 20 anos quando a família voltou para a casa. Ele viveu ali mais dez anos. Aos 28, casou-se com Maria Dolores. Eles viveram os dois primeiros anos de casados na casa. “Logo minha mãe morreu. As coisas ficaram difíceis, ainda tinha alguns irmãos pequenos. Lembro que eu precisava comprar uns dez quilos de café, sete de arroz, sete de açúcar, trigo, para o mês ali na casa”.

Com o passar dos anos, a casa foi esvaziando. Cada um seguiu sua vida. O pai, Abel, continuou ali até o fim. Hoje, quem mora do local é o irmão mais novo, Adilson.

Nilton conta que, ao longo de tantos anos, a casa passou por várias reformas. Algumas vigas de madeira do teto foram substituídas devido aos cupins. Uma das paredes laterais foi remendada com madeira, na tentativa de deixar a estrutura mais forte. “Às vezes tem trovoada com vento, dá medo de cair tudo”.

Muitos dos encaixes de madeira estão totalmente corroídos pelos cupins. Portas e janelas feitos de uma madeira escura, rústica, são originais, assim como as telhas. Alguns tijolos na parte inferior da construção estão desencaixados e, em alguns pontos, percebe-se que foi cimentado novamente. Diferente das demais casas, partes dos tijolos foram assentados inclinados, acompanhando a direção das vigas de madeira.

Nilton reconhece a importância da casa de sua família para a história do município. “Uma casa dessa merecia ser toda reformada, aí ficava bonito, mas é muito difícil. Hoje a gente olha para essas casas e só consegue torcer para não cair”.

IMAGEM - Fachada da casa em tijolinhos com janelas e porta de madeira. Uma bandeira de Nossa Senhora Aparecida está pendurada próximo de uma das janelas

Quem morou
Matias Baron
Augusto Baron
Maria Pretzki Baron
Ervino
Harry
Osmar
Bertoldo
Abel e Luiza Schaefer Baron
Ana
Rosa
Amélia
Alvina
Adélia
Maria
Nilton e Maria Dolores Dias Baron
Nilda
Augusto

Jorge
Orides
Luciana
Márcia
Vendelino
Marli
Jair
Roseli
Elaine
Adilson

Ficha técnica

Ano de construção

1862

Reformas

Trocas de sarrafos do telhado, inclusão de madeira em algumas paredes

Endereço

Rua Guabiruba Sul, bairro Guabiruba Sul

Casa Baron II

De volta às origens

Família Baron construiu o exemplar enxaimel mais recente de Guabiruba

Sidinei e Jorgiana Baron mostram diariamente para Guabiruba que é possível construir e viver muito bem em uma casa enxaimel nos dias de hoje.

O casal é proprietário do exemplar mais recente do município e, diariamente, recebe olhares curiosos de visitantes que querem saber mais sobre a construção moderna e ao mesmo tempo histórica.

Quando começaram a namorar, logo surgiram os planos para o futuro. Entre eles, o sonho da casa própria. Sidinei, que tem uma ligação muito forte com a cultura germânica, foi quem trouxe a ideia.

“É uma paixão minha desde a infância. Sempre gostei do enxaimel e da cultura alemã e quando começamos a planejar falei para ela que, se possível, gostaria que nossa casa fosse enxaimel”.

No começo, Jorgiana ficou receosa, pois não conhecia muito da técnica e também não fazia ideia de como seria morar em um exemplar enxaimel. Mesmo assim, ela aceitou a proposta.

O casal começou a pesquisar sobre o assunto e encontrou Paulo Volles, que tem uma fábrica de casas enxaimel em Blumenau. Em 2015, eles entraram em contato com o construtor. Foram até a casa dele, que, é claro, é enxaimel, e ali tiveram a certeza do que queriam.

“Ele nos tirou muitas dúvidas da parte construtiva e também sobre como é viver numa casa dessas. Quando chegamos lá, na hora sentimos o aconchego. A casa enxaimel tem essa característica. Ela é aconchegante, a gente se sente bem nela”.

Após a conversa com o construtor de Blumenau, os guabirubenses estipularam uma meta: começar a construir em 2016 para depois casar e se mudar para a nova morada. E assim aconteceu. Em agosto de 2016 iniciou a construção e em agosto de 2017 a casa ficou pronta.

Ao longo do processo, o casal foi descobrindo as peculiaridades. Foram eles que desenharam a planta da casa, inclusive a divisão dos cômodos.

Como já era esperado, a construção do enxaimel é diferente das casas convencionais. Durante três meses, toda a parte da madeira foi confeccionada na fábrica de Blumenau. Simultaneamente, o casal construiu o espaço na parte de baixo, onde é a garagem e a lavanderia. Ou seja, a casa enxaimel está em cima de uma estrutura de alvenaria.

“Foi escolha nossa fazer a parte de baixo para não remendar a casa depois. Quando decidimos fazer, pensamos em uma casa para morar a vida inteira, aí a gente pensou que precisa de garagem, lavanderia, e decidimos fazer esta estrutura embaixo à parte”, explica Jorgiana.

Tudo teve de ser muito bem planejado, já que a casa enxaimel teria que encaixar direitinho nesta estrutura. “Tivemos que adaptar algumas coisas, mas nada que fosse alterar muito do nosso planejamento”, diz Sidinei.

Após alguns meses de ansiedade, finalmente a casa ficou pronta para ser montada. Todas as madeiras foram empilhadas e, mais do que nunca, o guabirubense entendeu porque todas os exemplares enxaimel têm algarismos romanos marcados nas madeiras. “As madeiras foram todas empilhadas. Sem a marcação ficaria impossível montar”.

Logo, a estrutura enxaimel ganhou forma no topo do morro da rua Antônio Carminatti, no bairro São Pedro. Quando a cumeeira foi concluída, antes de iniciar o telhado, a casa recebeu a coroa de flores, como manda a tradição.

“Foi um momento muito bonito. Cada fase da construção a gente se apaixonava mais e via que fizemos a escolha certa”, diz Jorgiana.

IMAGEM - Imagem de drone mostrando toda a fachada da casa, construída em cima de um morro

Releitura fiel

Depois da estrutura em madeira montada. Chegou o momento de preencher as paredes com os tijolinhos. Foi um momento de aprendizado, tanto para Sidinei e Jorgiana, quanto para os profissionais que fizeram o serviço.

O casal optou por fazer o preenchimento com tijolo e cal, assim como era feito antigamente. “Eles tiveram que aprender a fazer a massa de cal, porque não se usa mais isso, a cortar os tijolos para fazer a parte inclinada, a não manchar os tijolos com o cal. Foi todo um trabalho em equipe”, destaca Sidinei.

Os tijolos também são fiéis aos das construções históricas do município. Para dar o aspecto manchado, tão característico, o casal precisou fazer um encomenda especial para uma olaria de Canelinha.

“Nossas casas enxaimel em Guabiruba eram feitas com tijolo de refugo, os mais baratos, por isso têm essas manchas. Pedimos para a olaria fazer manchado, então mandei a foto da casa do meu bisavô, que ainda existe na Pomerânia, e eles fizeram o tijolo com aquela coloração”.

Uma das principais adaptações que o casal precisou fazer para poder viver na casa foi a fiação elétrica. “Não tem como fazer a fiação por dentro da parede de tijolo à vista, então ficou tudo externo. Tivemos muita ajuda dos pedreiros e eletricitas que trabalharam aqui, foram eles que nos trouxeram as canaletas em madeira, para ficar tudo no padrão”.

A casa, com portas e janelas com estilo mais rústico, tem dois quartos, dois banheiros, cozinha e sala. No sótão, em um espaço totalmente funcional, está a área de estudos e de trabalho de Sidinei.

O orgulho está estampado no rosto do casal, que adora receber a família e os amigos e dá um grande exemplo de preservação da história e cultura dos antepassados para as filhas Julia, Alicia e Lisa.

Quem morou
Sidinei Baron
Jorgiana Baron
Julia Baron
Alicia Baron
Lisa Baron

Ficha técnica
Ano de construção
2017
Endereço
Rua Antônio Carminatti, bairro São Pedro

Casa Fuckner

Refúgio no Lageado Baixo

Casa da família Fuckner tornou-se a primeira sede da Igreja Adventista de Guabiruba

Camuflado na rua principal do bairro Lageado Baixo está o refúgio de José Roberto Fuckner. Para os mais desatentos, a residência passa despercebida. Um portão eletrônico e um caminho cercado de muito verde esconde, lá no fundo, uma das casas enxaimel mais antigas de Guabiruba. Da rua, é possível ver apenas alguns pedaços das paredes de tijolinhos em tom de vermelho.

A história da família Fuckner e, conseqüentemente da casa, inicia em 1868, quando Augusto Fuckner partiu da Alemanha para o Brasil acompanhado de dois filhos. Um deles, Roberto, tinha 19 anos e se estabeleceu na região hoje conhecida como Lageado Baixo. Lá ele ganhou algumas terras do governo em troca de ajuda na construção de estradas.

Acredita-se que a casa foi construída no ano seguinte à chegada da família em terras brasileiras: 1869. Naquele ano, Roberto casou-se com Marie Schirmer e, lembrando suas origens germânicas, construiu a casa da família na técnica enxaimel.

A casa com pintura impecável - paredes vermelhas; portas, janelas e vigas de madeira em marrom - nem de longe aparenta ter 150 anos. E ao longo de um século e meio teve muitas utilidades.

Longa história

Além de moradia para os membros da família Fuckner, foi a primeira sede da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Guabiruba. “Em 1895 meu avô [Oswaldo Ludovico Fuckner] conheceu a mensagem adventista no Gaspar Alto e a sala da casa, durante 30 anos, foi a igreja. Esta igreja grande que temos hoje surgiu aqui”, conta José Roberto Fuckner, atual proprietário da casa.

Por um período, a casa também serviu como um rancho para bater arroz. Como Oswaldo Ludovico Fuckner construiu outra casa de madeira no terreno do pai, a casa enxaimel foi sendo usada para este fim. “Foram tiradas as divisões da casa. Ficou uma sala grande onde eles colocavam o arroz todo em círculo e passavam com o cavalo para bater. Depois levantava a palha”, recorda.

O chão da sala, inclusive, ainda tem as marcas desse período, que durou de 1940 até 1955. “Eu queria trocar o piso, mas muita gente diz pra deixar assim mesmo, pois faz parte da história da casa”.

IMAGEM - Fachada da casinha com os tijolos pintados de vermelho e madeiras marrom. No canto superior direito, próximo à porta, há um aparelho de ar-condicionado

A residência voltou a ser moradia após todos os filhos de Osvaldo Fuckner casarem. Ele fez alguns reparos e viveu ali até morrer, em 1974. O filho mais novo, Hilário Guilherme, morou com a esposa Delaias ali também. No sótão da casa, nasceu o primeiro dos quatro filhos do casal: José Roberto.

É ele o responsável por manter e continuar a história da casa até hoje. Como sempre gostou muito dela, em 1982 negociou com o pai e tornou-se o proprietário. Entretanto, só voltou a viver ali - como sempre desejou - muitos anos depois.

Durante vários anos a casa foi alugada para outras famílias. Ao longo do tempo, passou por algumas reformas. Há 20 anos, o telhado foi reformado, mas José Roberto manteve os caibros principais e as telhas originais. Dois anos depois, foi construído um puxadinho de alvenaria onde hoje é a cozinha e o banheiro.

Em 2002, a casa deu mais uma contribuição para a comunidade. Foi ali, num período de dois anos, que funcionou a pré-escola e o jardim de infância da escola que hoje leva o nome de Osvaldo Fuckner.

O refúgio

Somente em 2016, após a aposentadoria, José Roberto e a esposa passaram a viver no local. O casal se divide entre a casa enxaimel e a construída por eles a poucos metros dali. “Aqui é onde me sinto bem. Tinha muita vontade de viver aqui. Então, depois que me aposentei, decidi vir para cá”, diz.

O casal dorme e toma café da manhã na casa enxaimel. As demais refeições são feitas na outra casa, onde vive a mãe de José Roberto, Delaias, de 81 anos.

Ele passa seus dias na casa enxaimel, cuidando do seu refúgio centenário. Apesar de tantos anos, a casa mantém muitas de suas características originais: piso, janelas, portas, telhado, as grandes pedras rústicas que sustentam a edificação. Até um pequeno enxame de abelhas permanece ali, em uma das vigas da casa há muitos anos. “As abelhas estão aí desde a época do meu bisavô”, diz José Roberto, orgulhoso.

E assim deve se manter, como é o desejo da família. “Enquanto eu puder, ela vai ficar aqui”, finaliza.

Quem morou
Roberto Fuckner
Marie Fuckner
Clara
Roberto
Otto
Marie
Anna
Mathilde
Hugo
Olga
Luise
Augusto

Oskar
Gustavo
Osvaldo Fuckner
Cristina Pollheim Fuckner
Alma
Augusto Alfredo
Holdina
Hugo Helmuth
Rudolf
Roberto Clemente
Anna Dalila
Ina
Osvaldo Haroldo
Gabriel Otto
Olinda
Luís Lindolfo
Hilário Guilherme Fuckner
Delaias Fuckner
Edson Fuckner
Reinaldo e Claudete Porto
Alonso Schirmer
Gentil Pollheim
Tânia Antunes
Marciano e Vivian Pollheim
José Roberto Fuckner
Erica dos Santos Fuckner

Ficha técnica

Ano de construção

1869

Reformas

Telhado em 1999, além de outras modificações internas, com a retirada de paredes divisórias

Endereço

Rua Lageado Baixo, bairro Lageado Baixo

Casa Schirmer

História camuflada

Casa da família Schirmer foi construída na década de 1870 e hoje tijolinhos estão escondidos entre as madeiras

É com uma bela chave de ferro preta, daquelas que fazem os olhos dos apaixonados por antiguidades brilhar, que dona Iracema Fuckner, 67 anos, abre a porta da casa enxaimel pertencente à família de sua mãe.

A casa centenária está no final da rua Alfredo Fuckner, no bairro Lageado Baixo, e para os mais desatentos, pode passar despercebida, já que as paredes de madeira acinzentada praticamente engolem os tijolinhos.

Não se sabe ao certo o ano que foi construída, acredita-se que em 1870, por Roberto Schirmer, bisavô de Iracema. Hoje a casa está em seu terceiro endereço.

“Primeiro a casa foi onde hoje é a igreja Assembleia de Deus aqui no Lageado. Depois foi pra outro lugar e quando meu bisavô ficou viúvo, alguém tinha que cuidar dele, então minha avó trouxe a casa aqui onde está hoje, perto da dela”, conta.

Após a morte do bisavô, os avós de Iracema, Alberto e Hilda Gumz, passaram a viver na casinha, que teve sua primeira reforma em 1925.

A reforma foi mais do que especial: foi ali o baile de casamento de Berta, uma das dez filhas do casal. “Não sei dizer o que foi feito nessa reforma, mas lembro que sempre contavam que foi para o baile. Até marcaram o ano na parede em cima da porta. Naquela época era assim, sempre tinha baile dentro de casa”, observa.

Ao longo dos anos, a casa foi ampliada, já que a família crescia. Hilda Gumz fez um espaço de madeira nos fundos da casa para sua cozinha. Também foi ela que decidiu fazer a varanda toda em madeira para a casa, além de um novo quarto na frente.

“A casa original era bem pequena, sem varanda, sem nada e com o tempo foram remendando”.

Os anos passaram e a casinha ficou para uma das filhas de Alberto e Hilda: Rosa Holdina, mãe de dona Iracema. Ela casou com Augusto Alfredo Fuckner e juntos tiveram nove filhos.

Hilda continuou morando na casa na companhia da filha, genro e netos. “Eu me lembro que a vó morava com a gente nos últimos anos, ela sempre dizia que queria morar na casa onde se criou”.

IMAGEM - Fachada da casa, com uma varandinha de madeira do lado esquerdo da foto, na única parede que ainda tem os tijolinhos. Do outro lado, toda a parte da casa é de madeira

Apesar de ter as características do enxaimel praticamente camufladas entre as paredes de madeira que foram surgindo depois, a casa ainda guarda muitos detalhes originais. O piso do pedaço enxaimel permanece intacto, inclusive com algumas das inscrições em algarismos romanos ainda visíveis. A porta de entrada, os caibros de madeira do teto e três paredes são centenárias.

Além dos puxadinhos de madeira que se misturam aos tijolos à vista, uma outra modificação chama a atenção: as janelas venezianas. “O pai colocou essa veneziana porque ele queria olhar para fora. Antes era janela de madeira, mas como ele tinha bronquite, dizia que o vento fazia muito mal, aí botou essa janela para poder olhar pra fora nos dias frios”.

Passados quase 150 anos de sua construção, a casa hoje está vazia. Foi morada de Iracema, do filho Newton e da nora Graziela até 10 anos atrás. Depois, eles se mudaram para a casa construída ao lado.

A casinha centenária serviu por um período, após a mudança da família, como uma confecção. As paredes internas foram removidas e hoje ela se resume a uma grande sala, com alguns fardos de malhas, madeiras e ferramentas.

O anexo de madeira feito pelo pai de Iracema nos fundos deve ser demolido, já as históricas paredes de tijolos permanecerão. “A casa representa a lembrança da minha família, dos tempos antigos, não deve ser demolida”.

Quem morou
Roberto Schirmer
Alberto Gumz
Hilda Schirmer Gumz
Alfredo
Ana
Berta
Albertina
Alberto Max
Oscar
João
Laura
Rosa Holdina
Maria
Augusto Alfredo Fuckner
Libia
Nivaldo
Dermival
Edilio
Iracema
Teresa
Florisbela
Clementina

Joel
Newton Machado
Graziela Gerber
Vinicius
Vanderson

Ficha técnica
Ano de construção
Aproximadamente 1870
Reformas
Ampliação, implantação de janelas venezianas, trocas de sarrafos
Endereço
Rua Alfredo Fuckner, bairro Lageado Baixo

Casa Schäfer

Fim de uma história

Após 130 anos, casa enxaimel no bairro Pomerânia será substituída por nova construção

Construída há mais de 130 anos, pouco a pouco, a casa enxaimel escondida na rua PM-008, no bairro Pomerânia, vai desaparecendo. A antiga residência de Vendelino e Hildegard Suavi dará lugar à uma nova moradia, mais moderna, para o neto do casal construir sua família.

Francisco Joel Suavi, 53 anos, é o caçula dos dez filhos de Vendelino e Hildegard e herdou a propriedade que foi construída por seus avós maternos: Carlos e Catarina Schäfer, em torno de 1885.

A casa, que está sendo demolida, foi moradia para os avós, para os pais e também para o próprio Francisco, que nasceu e cresceu ali.

Quando a reportagem visitou o local, a residência enxaimel estava em fase inicial de demolição. Por dentro, as paredes já não existiam mais, e toda a fiação elétrica já estava solta. Luz, apenas a do sol, que entrava pelas frestas das janelas venezianas.

O forro também já não existia, e de dentro a casa era possível visualizar as grandes madeiras que sustentavam as telhas.

O assoalho de madeira era o original, com tábuas largas e escuras. Portas e janelas também se mantinham fiel à época da construção, a não ser pelas venezianas que foram colocadas anos depois.

Francisco conta que a casa sempre foi grande, diferente dos demais modelos enxaimel. Uma parte dela já havia sido demolida há mais de 30 anos.

“Eu fiquei para cuidar deles, então, quando fui casar, disse para o meu pai que eu ficaria aqui, mas teria a minha casa e eles a deles, porque tudo junto não dá certo. Então, antes de casar construí a minha casa aqui do lado. Para isso, tive que arrancar um pedaço da casa antiga”.

De acordo com ele, antigamente a construção enxaimel tinha quatro cômodos. “Era grande, se não me engano tinha 9 por 15 metros quadrados”.

Francisco lembra que, quando era criança, jogava bola no pasto que tinha em frente à casa. A família também gostava de sentar na varanda para apreciar a vista que, com o passar dos anos, foi mudando.

IMAGEM - Imagem que mostra parte externa da fachada da casa, a varanda, o sótão e a lateral da residência

“Vivi minha vida toda nela, eu e meus irmãos fomos todos criados na lavoura. O pai plantava arroz, milho, aipim, batata doce, tinha porco e vaca de leite. A maioria das coisas era para consumo, só o arroz e o aipim que o pai vendia para fazer renda para o ano todo”.

Foram muitas lembranças vividas por Francisco e seus nove irmãos ali na ruazinha do bairro Pomerânia. A vontade dele era preservar a casa que foi de seus avós, porém, o alto custo acabou inviabilizando o sonho. A casa foi passada para seu filho mais velho que decidiu demolir e ocupar o espaço com outro estilo.

“Há alguns anos chamei um homem para ver quanto ficaria para reformar, mas era muito caro, não dava. Ainda se a prefeitura ajudasse alguma coisa, se tivesse como patrimônio histórico ainda poderia talvez, mas não se interessam. Agora vai ficar só as lembranças”.

Quem morou
Carlos Schäfer
Catarina Schäfer
Hildegard Schäfer Suavi
Vendelino Suavi
Yolanda
Sercusio
Gervásio
Sílvio
Carlos
Alceu
Jacinta
Lúcia
Maristela
Francisco Joel

Ficha técnica
Ano de construção
1885
Reformas
Paredes, telhado, construção de banheiro
Endereço
Rua PM-008, bairro Pomerânia.
Começou a ser demolida em abril de 2019

Casa Ullrich

Construção protegida

Imóvel de propriedade da família Ullrich é o único de Guabiruba tombado pelo Iphan

Único exemplar tombado como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural (Iphan) em Guabiruba, a casa da família Ullrich enche os olhos de quem passa pela rua Holstein, no bairro São Pedro, em Guabiruba.

Localizada logo depois de uma curva, a bela casa enxaimel pode ser vista da rua e a paisagem que a compõe deixa qualquer um encantado. A edificação contrasta com o verde do amplo terreno onde foi construída e os morros ao fundo dão o toque final ao cenário bucólico.

Estima-se que a casa tenha sido construída em meados do século 19 por Frederico Sart. Tornou-se propriedade da família Morsch e, só tempos depois, passou para a família Ullrich, a qual ainda conserva.

Atual proprietário, Roberto Ullrich conta que a casa entrou para a história da sua família por meio de seus avós. Francisco Landeira era espanhol e veio para o Brasil para morar no Rio de Janeiro. Frederica Morsch, sua avó, era de Guabiruba, e foi para o Rio de Janeiro passar uns tempos. Lá, os dois se encontraram, começaram a namorar e vieram para Guabiruba, onde se casaram.

Francisco queria voltar e morar no Rio de Janeiro, mas Frederica preferiu ficar, já que toda sua família estava em Guabiruba. Francisco disse que ficaria na cidade se conseguisse um terreno com casa. “Minha avó então lembrou do irmão dela, que tinha comprado essa propriedade, mas não morava aqui. Naquela época, como era difícil um visitar o outro, ela disse para irem na igreja que lá encontraria o seu irmão e poderia conversar com ele”, conta, emocionado.

E assim o fizeram. O casal foi à igreja e lá fizeram a proposta de compra da propriedade no Holstein. “No começo esse irmão não quis vender, mas a esposa dele o convenceu e foi assim que chegamos até essa casa”, destaca.

Roberto acredita que a chegada do casal na propriedade aconteceu, aproximadamente, em 1930. Desde então, a casa enxaimel segue com a família.

Os pais de Roberto também viveram por um período na casa. Sua mãe, Ida Landeira, era a filha mais nova de Francisco e Frederica e casou-se com Helmut Ullrich.

Apesar de não lembrar-se muito bem, o próprio Roberto acredita que seus primeiros anos também foram na casinha. “Eu devia ter uns quatro anos quando meus pais construíram a casa deles e saímos daqui”, diz.

IMAGEM - Imagem de drone mostra a casinha ao longe, cercada por um grande terreno com muito verde

A casa foi habitada até o fim dos anos 1970, aproximadamente. Frederica faleceu em 1960. Francisco continuou morando na casa por um tempo, depois foi morar com uma filha em Brusque. Após a saída dele, a casa ficou vazia.

Hoje, após mais de 150 anos de sua construção, a casa está bastante deteriorada. As duas paredes laterais são os pontos mais danificados. A fachada, apesar da ação do tempo, permanece, dentro do possível, em boas condições. Desenhos circulares feitos a partir da colocação diferenciada dos tijolos enfeitam a fachada e dão um visual diferente à casa.

Praticamente tudo na edificação é original. Nada foi modificado, apenas algumas trocas de sarrafos ao longo dos anos, como forma de manutenção do local. No interior da casa, há ainda alguns objetos. O assoalho já não é tão firme e a subida em direção ao sótão precisa ser feita com muito cuidado.

De acordo com estudo realizado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), diferente da maioria das casas de imigrantes alemães em Santa Catarina, a casa Ullrich é das poucas da primeira geração de enxaimel que não sofreu acréscimos para abrigar outros espaços como varanda e cozinha junto ao corpo da edificação.

Roberto lembra que quando seus avós viviam ali, os finais de semana eram sempre agitados. “Meu avô tinha uma mesa grande e no final de semana a casa enchia. Quando tinha uma festa, alguma coisa diferente, as primas vinham aqui e decoravam a mesa com uma flor amarela e vermelha, era muito bonito”, lembra.

O atual proprietário diz que a intenção sempre foi preservar a casa como ela sempre foi, por isso que mesmo depois de tantos anos, ela permanece praticamente original. “Não foi mexido em nada. Do jeito que ela estava quando eu a conheci, ela permanece. A ideia é deixar como está”.

Roberto gosta muito do local onde viveram seus avós e onde passou sua infância. Sempre sonhou em restaurar a casa e torná-la útil, mas sabe que é difícil. “Não tenho nem ideia de quanto custaria reformar. Não tenho interesse em tirar isso daqui, gostaria de mexer, tornar isso útil, montar um restaurante, usar as salas da casa. Mas a idade vem, o tempo passa, e não conseguimos realizar”.

Tombamento

Roberto diz que o tombamento da casa pelo Iphan foi algo totalmente inesperado pela família. Quando seu pai ainda estava vivo, recebeu uma correspondência notificando-o sobre a transformação da casa em patrimônio histórico. “Deu aquela confusão toda, mas não se teve o que fazer. Recentemente, recebi uma correspondência que estava na prefeitura desde 2012, com o certificado de que a casa foi tombada”, conta.

Inicialmente, a casa foi tombada como patrimônio histórico de Santa Catarina pelo Governo de Santa Catarina em 2002. Já o tombamento como patrimônio histórico pelo Iphan aconteceu em 2011, como parte do projeto Roteiros Nacionais de Imigração, gerenciado pelo órgão federal.

Entre as ações do Roteiros Nacionais de Imigração estava a estruturação de roteiros de visita nas cidades com foco no patrimônio preservado.

Quem morou
Francisco Landeira
Frederica Morsch Landeira
José Landeira
Maria Landeira
Romão Landeira
Charlotte Landeira
Ida Landeira
Lidia Isolde Ullrich
Francisco José Landeira
Helmut Ullrich
Roberto Ullrich
Ingo Ullrich
José Morch
Oscar Morsch
Carlos Becker
Reinoldo Becker
Albertina Becker
Leonilda Becker
Gertrudes Becker

Ficha técnica
Ano da construção
Meados do século 19
Reformas
Trocas de sarrafos das telhas
Endereço
Rua Holstein,
bairro São Pedro

Casa Rothermel

Nove décadas de lembranças

Casa da família Rothermel é a primeira no estilo enxaimel para quem passa pela rua Guabiruba Sul

Chegando ao bairro Guabiruba Sul, o primeiro exemplar enxaimel está localizado no número 1.217. É a casa de dona Sibila Mannrich Rothermel, 84 anos.

Rodeada por muitas flores, a residência foi construída há cerca de 90 anos por Jacob e Maria Cristina Rothermel. Eles vieram da Alemanha e, inicialmente, moravam em uma moradia pequena de madeira. Mais tarde, começaram a fazer a casa enxaimel que existe até hoje.

Dona Sibila mora na casa com a filha, Irineia. Ela passou a viver ali em 1952, quando casou-se com Alois Rothermel, um dos seis filhos de Jacob e Maria. A família sempre viveu da agricultura. Tudo o que produziam era consumido por eles.

Alois, o marido de Sibila, era carpinteiro e, de bicicleta, andava muitos quilômetros diariamente para trabalhar. Já Sibila ficava em casa para cuidar da roça e ajudar o sogro no plantio de arroz, aipim e também cuidar dos animais.

Ao longo dos seus 90 anos, a casa sofreu várias modificações, principalmente internas. O sótão, onde originalmente havia dois quartos grandes, não existe mais. “Abaixamos porque era muito alto e dava muito serviço”, diz.

Quando construída, a casa contava com um quarto na parte inferior, uma sala e uma cozinha. Depois da desativação do sótão, outro quarto foi feito onde antes era a cozinha. A casa também tem duas salas. Uma grande e outra menor. A varanda, onde a família gosta de se reunir, é original.

Na casa, também foi feito um puxadinho de madeira onde era a cozinha. Em 2014, a área foi demolida e reconstruída em alvenaria. Antigamente, as paredes internas da casa também eram de tijolos à vista, assim como as externas. Entretanto, foram rebocadas.

Na parte enxaimel, o assoalho é o original. As telhas também são as mesmas, apenas os sarrafos foram substituídos. Dona Sibila conta que a casa foi construída usando somente areia e barro. O material utilizado era da própria região. “Lembro que falavam sempre que um homem de sobrenome Schlindwein construiu a casa junto com Helmuth Mannrich”.

Dentre as principais lembranças, dona Sibila recorda sempre do sogro com a enxada na mão, trabalhando e ela ao lado, ajudando. “No começo eu não gostava muito de morar aqui, mas depois me acostumei. Hoje não saio por nada. Aqui é a minha casa”, diz.

Mesmo já não tendo todas as características originais, a casinha da Guabiruba Sul encanta a todos, principalmente pela delicadeza do jardim sempre florido, contrastando com os tijolinhos que estão ali há 90 anos.

IMAGEM - Casa com tijolinhos de tons claros e madeiras pretas, rodeada por um jardim com muitas rosas

Quem morou
Jacob Rothermel
Maria Cristina Rothermel
Alois Rothermel
José Rothermel
Cecília Rothermel
Waltrudes Rothermel
Hildegard Rothermel
Sibila Rothermel
Irineia da Silva Rothermel

Ficha técnica

Ano de construção

1928

Reformas

Remoção do sótão, modificação do telhado, paredes foram rebocadas, além da troca de sarrafos do telhado

Endereço

Rua Guabiruba Sul, bairro Guabiruba Sul

Casa Kohler

Símbolo de Guabiruba

Casa da família Kohler é a mais famosa e um dos principais cartões postais da cidade

Cenário de muitas fotos, vídeos e materiais publicitários, a casa da família Kohler é a mais famosa de Guabiruba. Seus belos jardins floridos e o cuidado que se tem com a manutenção dão a impressão de que a casa foi recém-construída.

Com tijolinhos manchados de cor predominantemente clara, madeiras pretas e as janelas e portas em um tom suave de verde, o belo exemplar enxaimel da rua Pomerânia enche os olhos dos visitantes.

Construída em 1940 por Carlos e Stela Regina Kohler, a casa serviu de moradia para os 13 filhos do casal. Todos já eram nascidos quando foi construída, o filho mais novo, Egon, tinha um ano quando a família se mudou para o local.

À época da entrevista, seu Herbert Kohler, 91 anos, era um dos cinco filhos vivos de Carlos e Stela. Na ocasião, ele lembrou que ajudava o pai durante a construção da casa enxaimel. Ele faleceu em novembro de 2019.

“Eu tinha uns 12 anos quando fui morar na casa. Lembro que a gente ajudava na construção, na mão de obra. Primeiro ajudava na roça, plantando mandioca e depois ia para a obra da casa”.

As madeiras usadas eram das próprias terras da família. Seu Herbert conta que eles cortavam as árvores e levavam os troncos para a serraria onde faziam as peças. Os tijolos também eram da cidade. Foram feitos em uma olaria que funcionava na mesma rua. A madeira de canela e peroba usada para fazer o assoalho da casa também veio das terras da família.

Há 79 anos, a casa possui as mesmas características. Ao longo dos anos, algumas intervenções foram realizadas para mantê-la em boas condições, entretanto, os detalhes que a tornam única foram preservados.

A casa possui três quartos, uma sala de visitas, uma sala de jantar, cozinha com fogão a lenha, sótão, dois quatinhos e varanda. Um puxadinho de madeira foi construído posteriormente, onde hoje está também o banheiro, já que naquela época não existia sanitário dentro de casa.

O sustento da família vinha da agricultura. Plantavam de tudo, mas o dinheiro sempre foi curto. Herbert lembra que em um ano em que a plantação de mandioca não foi suficiente, o pai lhe autorizou a arrumar emprego. “O pai disse que se eu quisesse arrumar emprego para um dia fazer uma casa eu podia porque ele não tinha dinheiro para ajudar”, lembra.

Herbert, então, foi trabalhar com os irmãos Paulo, Alois e Érico, que fundaram, posteriormente, a Kohler e Cia. “Eles moravam em casa ainda e perguntaram se eu queria aprender. Eu tentei e fiquei lá a vida toda, 65 anos trabalhei lá”, diz.

Um a um, os filhos de Carlos e Stela foram tocando a vida e saindo da casa. Herbert viveu ali até 1957, quando casou.

Quem ficou na casa foram os filhos Pedro e Maria. Ele viveu no local até falecer, em 2011. “O tio Pedro não casou e não teve filhos. Ficou cuidando do opa e da oma. No final teve problemas de saúde. Meu irmão Martinho que levava ele sempre nas consultas e então antes de morrer, deixou a casa para ele”, conta Jorge Kohler, um dos filhos de seu Herbert.

Após a morte de Pedro, a casa ficou vazia. Os móveis continuam todos lá. Alguém da família sempre está lá para zelar pelo patrimônio histórico. Atualmente, se preparam para mais uma reforma no local.

“O tio Pedro sempre mantinha ela, fazia o necessário e agora já está na hora de uma nova manutenção. Estamos nos programando para isso”, observa Jorge.

Bela e muito bem cuidada, a casa enxaimel representa um símbolo da história da família Kohler

IMAGEM - Casa em tons de tijolinhos claros, com madeiras pretas e janelas e varanda em verde.

Quem morou
Carlos Kohler
Stela Regina Modesti Kohler
Alois
Helmuth
Erico
Irma
Paulo
Herbert
Antônio
Pedro
Helga
Nicolau
Maria
Edith
Egon

Ficha técnica
Ano da construção
1940
Reformas
Trocadas de sarrafos das telhas
Endereço
Rua Pomerânia, bairro Pomerânia

Casa Becker

História preservada no Sternthal

Família Schweigert é a atual proprietária da casa construída em 1942 pela família Becker

É praticamente no fim do Sternthal, no bairro Aymoré, que está a terceira casa enxaimel que ainda resiste à ação do tempo na localidade.

Construída em 1942 pela família de Otto Becker, a casa já teve vários proprietários e hoje pertence à família Schweigert.

Muito bem conservada, a propriedade foi comprada no início dos anos 2000, para se tornar o espaço de lazer. Logo que adquiriu a propriedade, a família decidiu manter a casa enxaimel preservada.

Willian Schweigert, 26 anos, é um dos proprietários atuais, e conta que, quando sua família comprou a casa, ela estava em boas condições, por isso, decidiram manter seu estilo único e que atrai olhares curiosos de todos que passam pela localidade.

A casa passou por reparos ao longo dos anos para ficar melhor conservada. A pintura foi refeita, assim como a varanda e o telhado. “Na época tinha aquelas telhas de barro, foram trocadas há uns 15 anos. Agora a casa tem eternit ecológico”, destaca.

Willian, entretanto, diz que a intenção é voltar com as telhas de barro, dando um ar mais clássico à casa.

Portas, janelas, o assoalho de madeira e algumas paredes são originais da época em que foi construída.

Nos fundos, um puxadinho, também com tijolos à vista, foi feito para manter o padrão do local e abrigar a cozinha, o banheiro e uma área de festas.

Quando foi comprada, a casa era utilizada somente aos fins de semana, como um rancho. Entretanto, há dois anos, a irmã de Willian, Alice, e o cunhado, Jardel, vivem no local.

Os móveis antigos, a maioria de madeira escura, dão o tom da decoração no interior da casa, deixando ainda mais charmosa.

Há quase 20 anos, a família Schweigert se orgulha em manter viva a história da casa e, de certa forma, também de Guabiruba. Se depender de Willian, a casa embelezará a paisagem do Sternthal ainda por muitos e muitos anos.

“É um patrimônio da cidade e vamos manter a casa até quando ela aguentar. Depois de quase 20 anos, a casa já faz parte da história da nossa família também. Não me imagino sem ela”.

IMAGEM - Imagem destaca a lateral da casa, com uma janela, uma escadinha com dois degraus que dá na porta e uma janela no sótão

Quem morou
Otto Becker e família

Ficha técnica

Ano da construção

1942

Reformas

Troca do telhado há 15 anos

Endereço

Rua Sternthal, bairro Aymoré

Casa Scharf

Cantinho preferido da família

Imóvel enxaimel é o ponto de encontro da família Scharf aos domingos

Aos domingos, a bela casa enxaimel da rua Prefeito Carlos Boos, no bairro Aymoré, se enche de vida. Tradicionalmente neste dia, a família Scharf se reúne ali para conversar e tomar o café da tarde.

A varanda é o cantinho preferido de todos. “Se passar aqui no domingo quando não bate muito sol, estamos todos aqui na varanda conversando”, diz Waltrudes Scharf, que mora com o irmão Albino no local.

A família tem na casa um símbolo de união e também muitas lembranças. Construída entre 1940 e 1945 por Jacob Schmitt a pedido de João Scharf Júnior, a casa abrigou toda a família que a manteve preservada e assim deve continuar fazendo por muitos anos.

Alguns filhos de João e Sophia Scharf já eram nascidos quando a casa começou a ser construída e foi finalizada. Ao todo, o casal teve dez filhos e todos moraram no local. Alguns por mais tempo, outros por menos, mas o amor pela casa construída pela família com o suor de muito trabalho, sem dúvida, é igual para todos.

A casa é a única do estilo que restou nos arredores da rua principal do bairro Aymoré. Na área enxaimel, estão uma sala e dois quartos. Atrás, um puxadinho de madeira foi construído logo depois, onde ficava a cozinha.

Nos anos 1970, o puxadinho foi desmontado e reconstruído maior em alvenaria. Hoje, a área conta com cozinha, dois quartos, banheiro e lavanderia.

Em 1980, o telhado foi reformado. Outras várias reformas aconteceram ao longo desses mais de 70 anos da casinha enxaimel. “Ela foi sendo reformada para poder se manter, principalmente por causa das madeiras. Mas tentamos fazer sempre o máximo possível para manter as características dela”, conta Marino Debatin, um dos netos de João e Sophia Scharf.

A reforma mais recente aconteceu no início deste ano. O cantinho favorito da família foi que recebeu reparos, já que as madeiras do espaço estavam apodrecendo. Toda a varanda foi refeita. “O aspecto é o mesmo, mas foi trocada a madeira. Forros, caibros e sarrafos estavam podres, então quando vinha trovoadas levantava as telhas. Para não perder tudo, fizemos a reforma”, diz Marino.

O assoalho, portas e janelas permanecem originais. A escada para o sótão também ainda existe, escondida no corredor que divide a parte enxaimel da ampliação em alvenaria.

A família é de origem bastante humilde. Waltrudes conta que viviam apenas com o necessário. Os pais trabalhavam na lavoura e os filhos sempre ajudaram. “Tinha só para comer. Comprava o que era necessário: café, açúcar, trigo, não era igual hoje. Lembro que um ano vendemos 21 toneladas de aipim, a maioria carregada por nós no braço para trocar por outras coisas”.

Por terem vivido tempos difíceis, os irmãos que ainda estão vivos veem na casa algo de grande significado, por isso, fazem questão de reunir toda a família ali. “Almoço de Páscoa, de Natal, tudo é feito aqui. Fomos criados assim, aqui nos sentimos bem”, diz Marino.

Apesar de todas as mudanças de Guabiruba nesses mais de 70 anos e das muitas que ainda virão, uma coisa é certa: a casa da família Scharf estará ali, embelezando o bairro Aymoré.

IMAGEM - Casa em tons claros com a varanda que se estende por toda a fachada em primeiro plano

Quem morou
João Scharf Júnior
Sophia Scharf
Paulo
Lucia
Valeria
Waltrudes
Irene
Gerda
Euclides
Albino
Olívia
Claudia

Ficha técnica
Ano da construção
Entre 1940 e 1945
Reformas
Telhado nos anos 1980 e varanda em 2019
Endereço
Rua Prefeito Carlos Boos, bairro Aymoré

Casa Schlindwein I

Cercada pela natureza

Casa da família Schilindwein foi construída nos anos 1940 e resiste à ação do tempo no bairro Guabiruba Sul

Palco de muitos bailes com gaita, cuca e café, a casa da família de Valentino Schlindwein, 71 anos, é mais um exemplar enxaimel da rua Guabiruba Sul.

Diferente das outras três que ainda restam na rua, a casa está escondida em meio ao verde das árvores plantadas por ele. Apenas os mais atentos conseguem observar de imediato as paredes de tijolinho da movimentada rua principal do bairro.

Estima-se que a casa foi construída entre 1946 e 1947 pelo pai de Valentino, Alfredo Schlindwein. Na companhia de um tio e de um primo que eram especialistas na técnica enxaimel, Alfredo fez a casa para morar com a família.

Valentino não sabe se a irmã mais velha, Cecília, nasceu ali ou na casa anterior da família. Já ele, tem quase certeza que veio ao mundo na casa construída pelo pai. “Todas as minhas lembranças são aqui”, diz.

Bastante simples, a casa tem um grande terreno onde convivem em harmonia cachorros e galinhas. Valentino lembra que, na época de seus pais, a casa tinha apenas um quarto e uma sala.

Logo depois, ela ganhou um anexo de madeira, para onde foi transferida a cozinha. “Antigamente as casas só tinham um quarto, uma sala e o sótão. Nada mais. Até uns seis, sete anos, a gente dormia com os pais. Depois fomos crescendo e subindo para o sótão. De um lado era a parte dos meninos e do outro das meninas”, conta.

Valentino viveu na casa praticamente toda a vida. “Morei só uns quatro, cinco anos fora, o resto sempre aqui”.

Após a morte dos pais, ele ficou responsável pelo local. Morou junto com a esposa, Teresa Maria, e os quatro filhos, por muitos anos, da forma que foi deixada por seus pais. Em 1994, decidiu fazer uma estrutura maior para a cozinha, banheiro e sala. No enxaimel ficaram apenas os quartos. Hoje são quatro.

O anexo é de tijolo à vista também para seguir o padrão da construção mais antiga. As divisórias dos quartos foram colocadas com o tempo, mas a maioria das paredes são originais. O assoalho amadeirado também nunca foi trocado, assim como as telhas. “A casa teve várias reformas, mas só para trocar algumas madeiras que já estavam podres, a maior parte está como sempre foi”.

A escada para o sótão também permanece. Hoje, entretanto, sem alguns degraus, o que a torna difícil de ser acessada. “Tinha mais uns três degraus aqui, mas não sei quando e nem porque tiraram”.

Valentino ainda tem fresco na memória como era a casa no tempo de seus pais e lembra com saudade dos famosos bailes de aniversário que aconteciam ali.

“Arrastava tudo para o canto, não existia sofá, poltrona, nada. Era só uma mesa pequena, um armário e ficava aquele salão grande, mais da metade da casa. Pegava a gaita e os vizinhos vinham. Pra comer era cuca, café e licor de maracujá, figo. Não é igual hoje que fazem costelada, cerveja, chope”, recorda.

Nas suas lembranças também figura o aipim que a família plantava e comia diariamente. “Era sagrado. Todo dia tinha aipim. Eram 10 horas da manhã e a panela já estava no fogo cozinhando”, lembra.

Apesar de bastante danificada pela ação implacável do tempo e pelos cupins - que não dão trégua e, por onde passam, deixam suas marcas - Valentino nunca pensou em destruir a casa enxaimel de seus pais. Para ele, não há lugar melhor para viver. “Já conheci um monte por aí, mas não encontrei lugar melhor do que aqui”, afirma.

IMAGEM - Casa já bastante danificada pelo tempo aparece encoberta por diversas árvores

Quem morou

Alfredo e Helena Schlindwein

Cecilia

Valentino

Ivone

Vitor

Hildegard

Paula

Helio

Beno

Isabel

Jaime

Tereza Maria

Davi José

Cesar Luis

Luciana

Armando

Alfred

Ficha técnica

Ano da construção

Entre 1946 e 1947

Reformas

Ampliação em 1994, trocas de sarrafos do telhado

Endereço

Rua Guabiruba Sul, bairro Guabiruba Sul

Casa Schlindwein II

Memórias preservadas

Construção da família Schlindwein ainda guarda elementos da época em que era habitada

Ao subir os três degraus de madeira já bastante desgastados e ter acesso à cozinha da casa da família Schlindwein, a sensação que se tem é de voltar, pelo menos, uns 50 anos no tempo.

Os móveis rústicos e antigos, todos em azul claro, contrastam com o assoalho em tons de marrom sóbrio e com a geladeira branca moderna. Na cantoneira, o velho rádio tem destaque e funciona como se fora novo.

A casa parece habitada. O calendário em uma das janelas marca o mês de fevereiro de 2016. Na pia, o escorredor carrega algumas louças. O armário guarda pratos, copos e o chapéu de seu Arnoldo Schlindwein, o patriarca da família.

Avançando pelo corredor, entra-se, de fato, na casa enxaimel construída em 1945. A área da cozinha foi edificada alguns anos mais tarde, como uma espécie de puxadinho e fora dos padrões da técnica popular entre os imigrantes alemães.

Ao avançar pelo cômodo, também em tons de azul, logo se vê um pequeno quarto, sem porta, com divisórias de madeira que, assim como na maioria das casas enxaimel, não vão até o teto.

No lado direito, uma porta marrom avermelhada chama a atenção pelo fato de estar a alguns metros longe do chão. Ao abrir, surge a escada que dá para o sótão. Com degraus bastante danificados, não é possível subir para o cômodo que nunca fez parte da rotina da família.

“Ali encostado na escada tinha um armário onde a mãe deixava o pão”, recorda Henrique Schlindwein, que nasceu e cresceu na residência.

Avançando um pouco mais pela casa, chega-se à sala. Assim como na cozinha, os móveis estão intactos. Um quadro de Arnoldo e Alvina Schlindwein, os proprietários da casa, é um dos muitos objetos de decoração que enfeitam as paredes do cômodo.

No quarto do casal, a cama, em tons amadeirados, está feita. Na cabeceira, um grande rosário antigo contrasta com um aparelho de ar-condicionado.

No outro quarto, uma pequena cama de solteiro e um armário dividem espaço com o outro lado da escada do sótão. Ali dormiam quatro dos 13 filhos do casal.

Outros quatro dividiam o espaço do primeiro quarto e os demais se apertavam no corredor entre a cozinha.

Por muitos anos, a casinha enxaimel abrigou 15 pessoas. “São tudo na faixa de um, um ano e meio de diferença. Tudo escadinha. Quando a última irmã nasceu a mãe já tinha mais de 40 anos. Era muita bagunça, mas eles eram bravos. Lembro que na parede da cozinha tinha um chicote, só esperando. Naquele tempo não tinha essa folia de criança na droga, respeitavam mais”, diz Henrique.

Descendente de alemão, Arnaldo Schlindwein nasceu em 1923. Quando tinha em torno de 20 anos ganhou um pedaço de terra do pai e deu início à construção da casa para sua grande família. O imóvel ficou pronto antes do casamento com Alvina.

Hoje falecido, Claudino Schlindwein, filho mais velho do casal, contou à época da entrevista que a escolha pelo enxaimel foi para seguir o padrão da época.

“Primeiro arma as partes de madeira e depois fecha as paredes. O pai contava que tinha um senhor que gostava muito de beber e deixava um litro lá no sótão. A bebida era para o fim do dia de trabalho, mas no meio da tarde ele já pegava o ‘aperitivo’, não se aguentava”.

A família sempre trabalhou na roça. No quintal tinha mandioca, banana, batata doce, além da criação de galinhas e porcos. Arnaldo também trabalhou como motorista. Todos os filhos do casal nasceram e cresceram ali, na casinha enxaimel na rua Guabiruba Sul.

Ao longo dos anos, foram crescendo e construindo a própria vida. A casa foi ficando vazia. Arnaldo e Alvina moraram ali até o fim da vida. Ele faleceu em 2001. Ela, em 2008. Desde então, a casa permanece do jeito que a matriarca deixou, como uma espécie de lembrança dos tempos de casa cheia vividos ali.

Com quase 75 anos, o local teve poucas modificações ao longo do tempo. Claudino diz que apenas o forro foi trocado, além da pintura nas paredes. O piso de madeira é original da época da construção. “A cozinha sei que foi feita logo depois da casa. Há uns 25 anos foi trocado o forro. Lembro que o pai queria trocar as telhas também, mas aí ia tirar o estilo da casa, então as telhas permanecem originais. Não foi mexido mais em nada”.

Apesar da ação implacável do tempo, a casa mantém suas características praticamente intactas, sem contar o anexo feito de material tempos depois, onde estão a cozinha e o banheiro.

Os encaixes das madeiras, também castigados pelos anos, são visíveis e dão uma vaga ideia de como era feito esse tipo de construção.

Eventualmente, a casinha de tijolinhos à vista cercada por muito verde e apoiada sobre blocos de pedras, é aberta, já que os oito filhos homens trabalham do lado, na serraria construída por Arnaldo em 1969.

Se depender deles, a casa permanecerá assim ainda por muitos anos. “É uma lembrança que nós temos. Não sei quanto tempo a casa vai ficar, já estamos velhos. Mas por enquanto, ela continua assim”, diz Claudino.

IMAGEM - Imagem de drone mostra a fachada da casa em com janelas e a varanda em tons terrosos

Quem morou
Arnaldo Schlindwein
Alvina Schlindwein
Claudino
Claudete
Armelindo

Hercilio
Olivia
Alaíde
Marcelino
José Damião
Marcio
Gertrudes
Henrique
Marlice
Vicente

Ficha técnica
Ano de construção
1945
Reformas
Troca do forro na década de 1990
Endereço
Rua Guabiruba Sul, bairro Guabiruba Sul

Casa Riffel

Herança protegida

Construída no fim dos anos 1940, residência da família Riffel está preservada pelo filho

O amor que Christiana Élica Riffel tinha por sua casa e por tudo o que construiu é o que motiva a família a conservar a propriedade ainda hoje, mesmo passados 12 anos de seu falecimento.

A casinha enxaimel, construída em 1949 pelo marido de Christiana, Affonso Riffel, ainda conserva muitas características originais. As árvores e plantas que envolvem a casa também continuam ali, vivas, como uma forma de manter a matriarca da família sempre presente.

O terreno onde está a casa, que hoje é a chácara da família, foi cavado com picareta e enxadão pelo próprio Affonso. “Este terreno pertence à família desde a imigração da Alemanha”, conta Dearlete Marta Riffel, nora de Affonso e Christiana.

Os barrotes da casa foram feitos com troncos de árvores roliças, todos talhados a machado por Affonso. A madeira usada na construção foi retirada das proximidades das terras da família. O tijolo foi produzido na olaria que existia próximo à casa, no bairro Guabiruba Sul.

Atualmente, a residência é praticamente imperceptível. Somente quem conhece a família e frequenta a chácara consegue notar a existência da casa de 70 anos. A construção está toda cercada pelas árvores que Christiana tanto gostava e amava cuidar.

A casa nunca foi reformada. Ao longo dos anos, somente pequenos reparos foram feitos para mantê-la bem conservada. “Somente os sarrafos das telhas foram trocados. As telhas deixamos as mesmas”, destaca.

Portas, janelas, o assoalho de madeira larga, o teto e as paredes, todos construídos há 70 anos, estão iguais. “O branco da fuga dos tijolos é do cal que foi misturado com areia. Não tem nada de cimento na casa, tudo massa com cal”.

A família sempre morou no local. Christiana cuidava da roça e dos animais. Vendia leite, nata, queijinho, tudo produzido ali na propriedade. Affonso trabalhava durante o dia na olaria e à noite ajudava a esposa com o trato dos animais.

O casal teve três filhos: Tarcísio, Ademar e Roque. Com muito esforço, os três tiveram a oportunidade de estudar. Tarcísio e Ademar já são falecidos. Cabe a Roque, a esposa e os filhos zelarem pelo patrimônio deixado por Affonso e Christiana, tarefa que é cumprida com muito amor e dedicação por eles.

“O que ela mais queria era dar estudo para os filhos e conseguiu. Uma coisa que queremos conservar é a casa dela, que lutou tanto para deixar isso aqui para nós. Queremos manter e conservar da melhor forma”, destaca Dearlete.

Affonso faleceu em 2000. Alguns meses depois, a família construiu uma casa maior ao lado da enxaimel, já que Christiana ficou sozinha. “Construímos um quarto aqui, mas ela não quis sair da casa dela. Passava o dia lá e vinha pra cá à noite só pra dormir porque o banheiro era mais perto. Ela tinha muito amor pela casa”, conta.

Christiana faleceu em 2007, após ficar doente e passar alguns dias no hospital. Enquanto estava internada, sempre pedia para voltar para sua casa. A família conseguiu levá-la de volta para o lugar que tanto amava e, no dia seguinte, ela descansou.

“Ela só estava esperando voltar para o lugar dela. Lembro que ela chegou de ambulância e de cima da maca estava muito feliz de voltar, passou a mão no cachorro que ela tinha de estimação”, lembra Dearlete.

Hoje, a casa de Christiana serve de moradia para o casal de caseiros da chácara da família. No local, ainda há alguns móveis da matriarca como a mesa, armário, sofá, guarda-roupa, tudo guardado com muito amor pela família, como uma forma de garantir as lembranças de um passado de muito trabalho e, sobretudo, amor pelo lugar.

“Muita gente não entende porque mantemos essa casa velha aqui, mas para nós ela significa muito. Minha sogra lutou muito para ter isso tudo e ela está no céu feliz por ver tudo bem cuidado e conservado como ela queria”.

IMAGEM - Fachada da casa em registro de drone. Uma das janelas de madeira aparece aberta. Casa está cercada por árvores e plantação de milho

Quem morou
Affonso Riffel
Christiana Élica Riffel
Tarcísio
Ademar
Roque

Ficha técnica
Ano de construção
1949
Reformas
Troca dos sarrafos do telhado
Endereço
Rua Alberto Voss, bairro Guabiruba Sul

Casa Kistner

A casinha do Gruenerwinkel

Vera e Alcides Kistner venderam tudo o que tinham para poder comprar a casa por 130 mil cruzeiros

Com o suor de muito trabalho, Vera Luzia Kistner e Alcides Kistner juntaram 130 mil cruzeiros para comprar a casinha enxaimel construída pelo avô de Alcides, Vicente Kistner, em 1947.

A casa, bastante simples, fica na rua Gruenerwinkel, distante em torno de 6 quilômetros do Centro de Guabiruba. É o único exemplar enxaimel que restou nos arredores. “Antes tinha várias casas desse tipo aqui na rua. Mas com o tempo foram destruindo. A última faz uns cinco anos”, lembra Vera.

Antes de comprar a casa, o casal - que hoje está separado - já vivia no local. Alcides, inclusive, nasceu e cresceu ali, assim como seus três irmãos. “Meu pai, Alfredo Kistner, era o mais novo dos quatro filhos, casou com minha mãe e ficou morando com meus avós”.

Em 1979, o pai de Alcides morreu. A mãe construiu uma casa no terreno próximo. O avô faleceu em seguida, em 1980. Foi então que Alcides decidiu voltar a morar na casa para fazer companhia para a tia, que cuidava do avô.

Cinco anos depois Alcides casou com Vera. Os dois moraram na casinha enxaimel na companhia da tia durante dois anos. Foi então que decidiram fazer a proposta de compra da casa, por volta de 1986.

“Nós sempre trabalhamos na lavoura, então 130 mil cruzeiros era muito dinheiro. Vendemos tudo o que a gente tinha de valor: animal, arado, carroça. Demos metade de entrada e a outra metade tínhamos que pagar em dois meses”, lembra Alcides.

Para conseguir pagar os outros 65 mil cruzeiros, ele foi trabalhar fora. “Não tinha mais de onde tirar dinheiro, então fui trabalhar em fábrica. Lembro que o meu salário era 11 mil cruzeiros por mês”.

Mesmo assim, ainda não era suficiente. Naquele ano, o casal se virou como podia. “Colhemos bastante amendoim, feijão vermelho e preto. A mãe emprestou uma parte do dinheiro e em 60 dias pagamos os outros 65 mil cruzeiros para minha tia”.

Vera conta que aqueles meses foram bastante difíceis, mas o casal queria muito ter a própria casa. “Ficamos muito apertados. Demos tudo o que tínhamos pra comprar a casa. Eu sempre lembro que nem cebola para temperar a carne tinha mais, só cebolinha verde do quintal”, lembra, aos risos.

Depois da turbulência, pouco a pouco a rotina da família foi se estabelecendo. Logo o primeiro filho, Moisés, nasceu. Três anos depois, a casa foi reformada. “O Moisés tinha três anos. Lembro que ele pegava as ferramentas do pedreiro e escondia”.

Vera e Alcides contam que a casa, já naquela época, estava bem deteriorada e, por isso, eles decidiram reformar. Entretanto, a obra não foi das mais fáceis.

“A casa estava bem velha. Os sarrafos das telhas poderia pegar e amassar com as mãos. Só ficou o principal da casa, as quatro paredes e o assoalho. O telhado nós tiramos”, diz Vera.

“Chovia muito dentro da cozinha. Mas ninguém queria fazer a reforma na época, os pedreiros tinham medo que a casa caísse. ‘As paredes vão cair’, eles diziam. E eu respondia: ‘Não caindo com gente dentro já está bom’. No fim, a obra foi feita e as paredes ficaram firmes”, destaca Alcides.

Na reforma, a cozinha foi toda feita nova, assim como o telhado. Vera conta que a cozinha tinha um piso de tábuas largas com grandes buracos entre as elas. “Antigamente jogavam água para limpar, estava apodrecendo. Tinha até que cuidar pra caminhar. Se tivesse salto alto fino ficava trancado lá”.

A escada que dava acesso ao sótão também não existe mais. Com o passar dos anos, novas reformas aconteceram. Hoje, do enxaimel, resta apenas a fachada e as duas paredes laterais. O piso de madeira escura também permanece o mesmo.

Hoje, Vera vive sozinha na casa. Apesar de ter se separado do marido, cuida com perfeição da casa construída pela família dele e que também é sua.

“Sempre gostei de morar aqui. É nesta casa que eu tive e criei meus filhos. Já recebi muito elogio das pessoas por manter a casa assim, mesmo sendo separada”, diz.

Os filhos do casal, Moisés e Carolina, também se orgulham de a mãe e o pai manterem a casa e a história da família preservada. “Sei que derrubar eles não vão. A Carolina sempre diz que vai fazer um museu na casa”, brinca Vera.

IMAGEM - Jardim em primeiro plano com a casa alta em tons claros e verde aos fundos

Quem morou
Vicente Kistner e Leopoldina
Alfredo e Edeltrudes
Antônio Vicente
Claudio
Marlene
Alcides
Vera Luzia
Moisés
Carolina

Ficha técnica
Ano da construção
1947
Reformas
Mudanças na cozinha, varanda, remoção do sótão
Endereço
Rua Gruenerwinkel, bairro Aymoré

Casa Gums I

Tesouro da família

Mesmo com marcas dos 90 anos de história, casa da família Gums embeleza a localidade do Sternthal

Pouco a pouco, com o que ganhavam da venda de aipim, Oscar e Berta Gums construíram a casa enxaimel na localidade do Sternthal, no bairro Aymoré, nos anos 30.

A família de Oscar era dali mesmo. Seu pai tinha casa e terras nas proximidades. Berta era da rua São Pedro. Os dois se conheceram e decidiram construir a residência para poder casar, cerca de três anos depois.

O terreno foi doado pelo pai de Oscar. As madeiras para o esqueleto e encaixes da casa vinham das terras da família de Berta. “A madeira foi pega do engenho do meu avô lá no Holstein. Traziam tudo de carroça ou carro de boi”, conta Olindo Gums, 70 anos, filho de Oscar e Berta.

A mãe plantava aipim e, quando vendia, o dinheiro ia todo para construir a casa. Parte por parte, ela foi ficando pronta. Os tijolos, diz Olindo, foram fabricados por Francisco Kohler, que tinha uma olaria. “O tijolo é todo queimado”.

Olindo conta que foi criado na casinha de dois quartos junto com o irmão, Geraldo, já falecido. Quando casou com Edith Maria, em 1970, continuou a morar ali, na companhia da mãe, já que o pai faleceu um mês antes do seu casamento.

“Moramos ali durante 11 anos. Depois construímos uma nova. Meu cunhado sempre dizia que a casa ia cair, que era pra fazer uma nova. Nós fizemos, mas me arrependo, podia estar morando ali ainda, a casa não caiu até hoje”, diz.

Hoje a casinha enxaimel pertence a uma das filhas de Olindo, Tânia. No local apenas alguns móveis ocupam os espaços: sofá, cama, colchões e um carrinho de bebê.

Há alguns anos, Tânia decidiu reformar a casa. A ideia era tirar o assoalho de madeira e trocar por lajota, um material mais moderno e simples de manter. Entretanto, a mudança deu errado. Pouco tempo depois da instalação, partes do piso racharam. Agora, o chão da casa é totalmente irregular.

Olindo lamenta a modificação. “Foi muito mal feito. O pedreiro colocou pneu nos cantos e em cima foi feito o piso. Agora minha filha quer colocar assoalho de novo, como era antes”.

Além do piso, o forro também não é mais original. Na sala, uma abertura na parede de cimento revela os tijolos que foram rebocados. As paredes são todas pintadas de verde, assim como as portas e janelas, num tom mais escuro, mas ainda originais.

Na parte de trás da casa, anos depois foi feita uma construção em material, onde era a cozinha. Naquele espaço, a cobertura é de telhas de fibrocimento, conhecidas como eternit. O restante da casa segue com as telhas da época da construção.

Assim como as demais casas enxaimel, as marcações em algarismos romanos nas madeiras ainda permanecem visíveis.

Olindo diz que, mesmo velha e danificada, a casa recebe muitos olhares de encantamento das pessoas que por ali passam. A construção também já teve diversas propostas de compra, mas ele nunca aceitou vender. “É um pedaço da família e na nossa família deve ficar”.

IMAGEM - Fachada da casa com janelas e portas em tons de verde. Uma placa de cão bravo está pendurada na parede do lado esquerdo

Quem morou
Oscar Gums
Berta Ana Gums
Olindo Gums
Geraldo Gums
Edith Maria Gums
Tânia Gums
Cleide Gums

Ficha técnica
Ano da construção
Década de 1930
Reformas
Troca do piso e parte de cobertura em eternit
Endereço
Rua Sternthal, bairro Aymoré

Casa Gums II

Orgulho das raízes

Desejo da família Gums é manter o exemplar enxaimel do Sternthal preservada

Uma das principais lembranças da infância de Nelson Gums na casa construída por seus pais, Max e Anna Gums, é a Páscoa. Ele e seus três irmãos, Melita, Lídia e Wilson, esperavam ansiosos pela data que celebra a ressurreição de Jesus Cristo, já que esta era uma das poucas oportunidades em que tinham para comer chocolates.

“A gente nem dormia de noite ansiosos por causa da comida. Cada um ganhava um pedacinho de chocolate e levava pra cama. No outro dia, o lençol estava todo manchado porque o chocolate derretia. Naquela época, a Páscoa era muito mais bonita. Cuca e pão de trigo era só no Natal e na Páscoa”, lembra o guabirubense de forte sotaque alemão.

Nelson viveu na casinha enxaimel da família até casar. A residência foi construída no início dos anos 1940, na localidade do Sternthal, no bairro Aymoré. Seus pais, Max e Anna, casaram em 1942 e foram morar ali.

O filho mais velho conta que os pais trabalharam a vida toda na lavoura. Entre outras coisas, plantavam aipim e cortavam lenha para vender em Brusque.

“A gente ajudava na roça. Ia para a escola a pé. Era essa perto do cemitério [Escola Germano Brandt], no Aymoré, e fazia a doutrina no Centro. Quando chegava em casa, pegava a enxada para ajudar na lavoura. Aquele tempo era muito mais bonito que hoje. A comida era o que se plantava e o que se criava em casa. Tudo natural”.

A família tem origem simples. A madeira usada para construir a casa veio das terras de Anna, cuja família morava no bairro São Pedro. “Fico imaginando o tempo que levaram para fazer a casa. Puxavam a madeira de carroça lá do São Pedro até descer aqui. Depois fazer todo o encaixe, os tijolos”, destaca Nelson.

A casa hoje serve de moradia para o irmão de Nelson, Wilson, e sua família. Após a morte do patriarca, Anna e o filho mais novo ficaram morando no local. Em janeiro de 1986, a casa ganhou uma nova moradora: Marli, esposa de Wilson.

Desde então, ela é quem cuida da casa, que sofreu algumas modificações ao longo dos anos. A residência foi se moldando às necessidades da família: ganhou mais espaço e novos cômodos no fim dos anos 80. “Desmanchamos a outra parte de madeira e fizemos de material. A casa tinha a sala, dois quartos, a cozinha e o sótão”, conta Marli.

Por dentro, a casa era cinza decorada com vasos de flores pintados nas paredes. As pinturas também já não existem mais, foram substituídas por um novo reboco.

Da construção original, permanece apenas a sala e um dos quartos. Janelas, portas e o brilhante piso de madeiras claras intercaladas com escuras foram preservados. A escada que leva ao sótão também permanece ali.

A fachada da casa foi reformulada. As vigas de madeira que sustentavam a varanda foram substituídas por estruturas de tijolo à vista para ficarem semelhantes ao resto da casa. “A varanda era toda de madeira, mas foi estragada pelo cupim e também pela chuva, apodreceu. Fizemos então piso e de tijolos para ficar parecida com a casa”, destaca Marli.

A vontade da oma Anna sempre foi manter a casa onde constituiu sua família. Marli cuidou da sogra até 2010, quando ela faleceu, aos 85 anos. “Fiquei com ela 24 anos. Lembro que quando vim morar aqui ela só falava alemão. Ela entendia o português, eu entendia o alemão, só não sabia falar. E a gente se comunicava assim, se entendia”.

Além de Marli e Wilson, vivem na casa a filha do casal, Tais, e o genro, Maicon. Todos têm em comum o desejo de manter a casa como está hoje, com as três paredes enxaimel firmes para sempre lembrar as raízes da família.

“A casa vai ficar aí até quando aguentar. Eu também pretendo ficar aqui até morrer”, diz Marli.

IMAGEM - Fachada da casa em tons de marrom, com uma ampla varanda, com um banheiro e uma mesinha, e vasos com plantas

Quem morou

Max Gums

Anna Gums

Nelson Gums

Wilson Gums

Melita Schmitt

Lidia Rieg

Marli Teresinha Pereira Gums

Tais Gums

Maicon Vinotti

Ficha técnica

Ano de construção

Início dos anos 1940

Reformas

Ampliação no fim dos anos 1980, pinturas nas paredes internas, mudança na varanda

Endereço

Rua Sternthal, bairro Aymoré

Casa Schweigert

Exemplar único no Centro

Casa na rua Dez de Junho foi do proprietário de um dos primeiros açougues de Guabiruba

A casa de Isolde Lewandowsky, na rua 10 de junho, é a única enxaimel que restou no Centro de Guabiruba. Escondida entre as residências de arquitetura moderna, a construção faz parte da paisagem da rua há mais de 70 anos.

Arnaldo Schweigert foi seu primeiro morador. Quem construiu a casinha de tijolos à vista, na década de 1950, foi Jacob Schmidt, que fez a maioria das casas do município à época.

Nora de Arnaldo, Irene Scharf Schweigert conta que a família foi proprietária de um dos primeiros açougues de Guabiruba que, mais tarde, foi construído ao lado da casa enxaimel.

A casa guarda muitas de suas características originais, como janelas, portas, o telhado e o assoalho interno. Ao longo dos anos, algumas melhorias foram feitas, com o objetivo de manter a casa. “A varanda foi reformada e na cozinha também foi colocada madeira nova”, conta Irene.

Dos seis filhos de Arnaldo, apenas o mais velho, Ingo, nasceu antes de a casa ser construída. Os demais, já cresceram na casinha.

Waldemiro Schweigert, um dos filhos de Arnaldo, conta que morou na casa enxaimel com a esposa Amélia durante nove meses, até a casa deles, ao lado do açougue, ser construída.

Ele lembra que a casa nunca ficou vazia. Ao longo de todos os anos, alguém sempre morou no local. Na sua memória, recorda que a mesa da família era grande, todos comiam juntos e às segundas-feiras, matavam porco e os empregados do açougue sempre comiam ali, junto com a família.

Hercílio também lembra que o dia começava bem cedo para a família. “Às 4 horas já saía de casa para trabalhar. No sábado, levantava bem cedinho para ajudar a serrar a carne para o açougue”.

Isolde é a filha mais nova de Arnaldo e herdou a casa. Ela vive no local e, de acordo com a família, deve manter o imóvel construído pelo pai preservado. “É um lugar de muitas lembranças para todos nós”, diz Irene.

IMAGEM - Fachada da casa já bastante danificada pelo tempo, com uma varanda simples, de madeira, e janelas em tom verde já desbotado

Quem morou
Arnaldo Schweigert
Ingo Schweigert
Celi Schweigert
Hildegard
Waldemiro
Ilona
Genésio
Isolde

Ficha técnica
Ano de construção
Década de 1950
Reformas
Troca das madeiras da varanda e cozinha
Endereço
Rua 10 de Junho, Centro